

**ASSINATURA DO PROTOCOLO
AVALER - AEVERSU**

Lisboa, 3 de outubro de 2018

**Presidente da Direção da AVALER
Eng^o Aires Pereira**

Exmo. Senhor Secretário de Estado do Ambiente, Eng^o Carlos Martins

Exmo. Senhor Presidente da CEWEP, Confederação Europeia das Entidades de Valorização Energética de Resíduos, Senhor Paul de Bruycker

Exmo. Senhor Presidente da AEVERSU, Associação Espanhola de Valorização Energética de Resíduos, Rafael Guinea

Distintas Autoridades presentes

Senhoras e Senhores Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Agradeço ao Senhor Secretário de Estado do Ambiente, Eng^o Carlos Martins a honra que nos dá ao presidir a este Ato de celebração de um Protocolo de Cooperação entre duas Associações de Empresas que desempenham um importante papel na moderna gestão de resíduos na Península Ibérica.

Agradeço a especial presença do Senhor Paul de Bruycker, Presidente da CEWEP, Confederação Europeia das Empresas de Valorização Energética de Resíduos, que aqui representa Entidades de 22 Países europeus e cerca de 400 Centrais que transformam um resíduo num recurso.

Thank you so much Mr. Paul for accepting our invitation and you are always welcome among us.

Dou as boas vindas e muito agradeço ao Rafael Guinea, Presidente da AEVERSU, Associação Espanhola de Valorização Energética de Resíduos, nossa congénere em Espanha, a sua presença entre nós, aliás não é a primeira vez, sendo que a de hoje é muito, eu diria, muitíssimo importante para as nossas duas Organizações.

Quando precisamos de resolver problemas comuns, quando a conjuntura é algo parecida em Regiões ou Países, quando o que se pretende é transformar um problema numa solução, a parceria, a união de esforços, a agregação de vontades várias, é mais útil, frutuosa e passível de êxito, do que se tentarmos resolver os nossos problemas sozinhos.

O Ato que hoje aqui protagonizamos é isto mesmo, é união de esforços, é ganhar dimensão, é a favor de uma causa e não é, nem nunca será, contra quem quer que seja.

Unir a AVALER e a AEVERSU" é termos 15 centrais de valorização energética de resíduos de Espanha, Andorra e Portugal em diálogo; é valorizarmos anualmente, de um modo ambientalmente apropriado, mais de 3,5 milhões de toneladas de resíduos; é produzimos cerca de 2,4 milhões de MWh de energia que injetamos na rede elétrica dos nossos Países e que equivale ao consumo doméstico de mais de 1,5 milhões de ibéricos; é separarmos e enviarmos para reciclagem mais de 50 mil toneladas de sucatas metálicas, que são depois utilizadas como matéria-prima na nossa indústria.

Em Portugal houve, nos últimos 20 anos, uma enorme evolução na forma como tratamos os resíduos urbanos, que a todos deve orgulhar.

De um país que se limitava a enviar os resíduos urbanos para centenas de lixeiras e vazadouros espalhados pelo território, passamos a ser um país que trata a totalidade dos seus resíduos, de acordo com as mais exigente normas ambientais da União Europeia, e que possui Empresas e entidades, públicas e privadas, com conhecimentos e competência em toda a cadeia de valor da gestão de resíduos.

A valorização energética de resíduos urbanos, iniciada em Portugal há cerca de 18 anos, foi um pilar fundamental nessa revolução.

As Centrais da Valorsul e da Lipor começaram a sua operação comercial no ano 2000, a Central da Água e Resíduos da Madeira em 2005 e a da Teramb, na Ilha Terceira, da Região Autónoma dos Açores, mais recentemente, em 2016.

Nestes 18 anos esta tecnologia foi responsável pelo desvio de aterro e pela valorização de mais de 18 milhões de toneladas de resíduos urbanos, o que equivale a cerca de 4 anos da produção total de resíduos urbanos de Portugal.

Passadas quase duas décadas de operação, podemos dizer sem equívocos nem favores, que esta tecnologia cumpriu rigorosamente aquilo a que se comprometeu no primeiro dia: ser uma solução fiável e robusta de tratamento de resíduos, respeitando as mais exigentes normas ambientais, transformando resíduos urbanos em energia, maioritariamente renovável, gerando riqueza, criando Emprego qualificado e protegendo o Ambiente no país.

Sejamos claros: sem a valorização energética que se desenvolveu em Portugal, já há vários anos que a capacidade de Aterro se teria esgotado, e o debate que estaríamos a ter hoje, seria o de saber onde é que iríamos construir os novos aterros sanitários que, muito justificadamente, ninguém quer. Eu sou Autarca, Presidente de uma Câmara Municipal e sei o que pensam muitos dos meus Colegas que têm Aterros Sanitários nos seus Concelhos.

Porém, embora orgulhosos do trabalho feito, não estamos satisfeitos. Segundo os últimos números da Agência Portuguesa do Ambiente, em 2017, Portugal ainda depositou em aterro 57,4% dos resíduos urbanos produzidos e apenas valorizou 42,6% desses resíduos, repartidos em partes quase iguais entre Valorização Energética e Reciclagem Multimaterial e Orgânica. Com estes valores estamos muito aquém do que desejamos e necessitamos de fazer.

É necessário dizer-lo com frontalidade: Portugal não vai cumprir as metas para 2020 e se não houver determinação de alterar o paradigma da gestão de resíduos, o país estará numa trajetória onde dificilmente cumprirá as metas subsequentes para 2025, 2030 e 2035.

Confio firmemente no conhecimento, lucidez e objetividade, de Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado, Eng^o Carlos Martins, para uma mudança deste rumo.

Outro aspeto que o passado nos ensinou com muita clareza, é que os problemas da gestão de resíduos têm que ser resolvidos pelo setor da gestão de resíduos.

Sem prejuízo de contributos pontuais de outros setores, não podemos esperar que os outros venham resolver os problemas que nos compete a nós resolver.

O país cometeu o erro de acreditar que o problema do escoamento dos refugos e rejeitados dos TMB se resolveria por via da produção de CDR.

Embora a AVALER sempre tenha alertado para o perigo dessa aposta, o resultado concreto conhecemo-lo hoje inequivocamente: apesar do avultado investimento público em equipamentos de preparação de CDR, o consumo de CDR nacional de resíduo urbano é nulo, as máquinas estão paradas e os resíduos estão simplesmente a ser enviado para Aterro. Seria um erro persistir nessa estratégia, ou em qualquer outra que remeta para terceiros o desvio de resíduos de aterro, que compete ao setor da gestão de resíduos fazer.

O pacote de Economia Circular já aprovado nas Instituições Europeias, levanta desafios sem paralelo ao nosso setor. Como o Presidente da CEWEP, Paul de Bruycker muito bem vem expondo em diversos Fóruns – aliás o último dos quais em Bilbao em setembro último, “...valorização energética é parte integrante da Economia Circular...” e mesmo num contexto de taxas de reciclagem muito ambiciosas, continuamos a precisar de desenvolver as infraestruturas de valorização energética de resíduos, quer a nível europeu, quer particularmente em países onde o envio de resíduos para aterro é muito elevado, como é o caso de Portugal e Espanha, como também o meu Colega Rafael Guinea seguramente confirmará.

Há diferenças muito marcadas no perfil de tratamento de resíduos dos vários países europeus e nós temos que ter a humildade de aprender com aqueles que estão mais avançados do que nós e, tal como eles, desenvolver as nossas infraestruturas de valorização dos resíduos que evitem o seu envio para aterro.

Se não resolvermos esse problema, outros resolverão por nós, mas a expensas nossas e com custos muito elevados.

Fico por vezes admirado, não só como Presidente da Lipor, mas talvez mais como Autarca, com a tolerância para com a solução “aterro sanitário”, como se fosse uma solução a usar indefinidamente. Quem assim se posiciona só pode desconhecer o real impacto ambiental dessa suposta solução, que os Autarcas bem conhecem.

A AVALER defende que o País se deve preparar, progressiva, mas determinadamente para, no fim da próxima década, apenas mandar para aterro resíduos que não tenham nenhuma alternativa de valorização. Para tal haverá necessidade de aumentar a capacidade de valorização energética de resíduos, não para benefício e solução dos Sistemas de Gestão que já possuem essa tecnologia, mas para benefício e solução dos problemas do País, de modo integrado, devidamente pensado e planeado, com uma justa partilha de custos e benefícios entre todos os Sistemas de Gestão de Resíduos.

Gostaria ainda de chamar a vossa atenção para um aspeto que é por vezes esquecido na guerra de números relativo às metas nacionais: o papel da valorização energética na resolução dos problemas das populações mas agora a nível regional.

O Rafael Guinea é Diretor Geral da Empresa que faz a gestão de resíduos em Maiorca onde, graças à valorização energética e material, se cumpre o objetivo de aterro zero na Região.

Em Portugal a LIPOR, dispendo de fortíssimas apostas nas recolhas seletivas porta-à-porta de resíduos recicláveis e compostáveis, coloca anualmente em Aterro não mais do que 2,5% de resíduos (dados de 2017), a nossa congénere Valorsul coloca também uma diminuta quantidade dos seus resíduos em Aterro Sanitário.

Temos, na Ilha Terceira, uma unidade de valorização energética que permite que não só não haja deposição em aterro, como ainda consiga uma recuperação do passivo ambiental de um Aterro com poucas condições de confinamento técnico de longo prazo, fazendo com que esta Ilha possua um envio negativo de resíduos para Aterro.

Está ainda em desenvolvimento um projeto de uma nova instalação na Ilha de S. Miguel, igualmente na Região Autónoma dos Açores, que fará com que esta Ilha seja, não só uma das líderes nacionais em termos de reciclagem, como, igualmente, uma região insular de Aterro tendencialmente nulo e, finalmente, na Região Autónoma da Madeira graças à Unidade de valorização energética existente, apenas são enviados para Aterro resíduos sem possibilidade de valorização, além do contributo que dá de valorização de resíduos não urbanos.

Apelo a que todos, Decisores Políticos, Entidades Reguladoras, Municípios, Empresas de Gestão de Resíduos e Cidadãos para que nos entendamos em objetivos claros e partilhados, de modo a darmos caminho ao trabalho iniciado há 20 anos atrás, de dotarmos o país de um sistema de gestão de resíduos moderno, eficiente, eficaz, sustentável e realmente promotor da Economia Circular.

Termino agradecendo a gentileza da EPAL, Empresa Portuguesa de Águas Livres, SA, ao seu Conselho de Administração que nos disponibilizou este esplêndido espaço do Museu da Água para realizarmos este Evento, e a todos agradeço a presença, e se me permitem, muito especialmente ao Exmo. Senhor Secretário de Estado, ao Presidente Paul de Bruycker e ao Presidente Rafael Guinea.

Muito obrigado.